

SIMON SCARROW

REBELIÃO

TRADUÇÃO DE JORGE COLAÇO



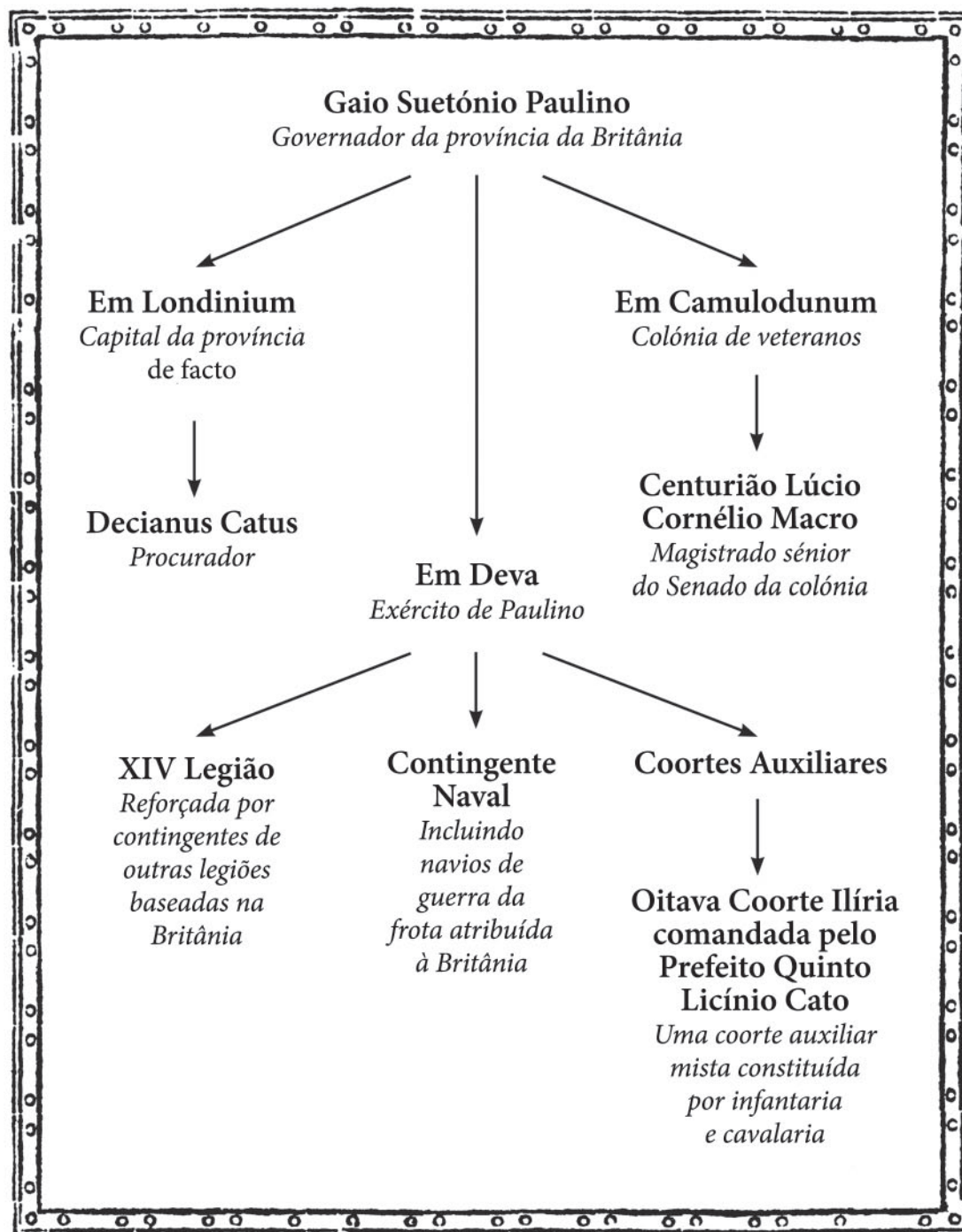
SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Michele e Silvano, obrigado pela vossa gentileza,
amizade e cozinha italiana.

A PROVÍNCIA ROMANA DA BRITÂNIA EM 61 D.C.



CADEIA DE COMANDO



LISTA DE PERSONAGENS

Exército romano da Britânia

Centurião Bernardicus: Centurião sénior da IX Legião

Quintus Petillius Cerialis: Legado da IX Legião,
um comandante precipitado

Prefeito Cato: Comandante da Oitava Coorte Auxiliar Ilíria

Gaio Suetónio Paulino: Governador da província romana
da Britânia, desequilibrado, mas totalmente determinado
a esmagar Boudica e os seus seguidores

Cestius Calpurnius: Legado da XX Legião

Poenius Postumus: Prefeito de campo da II Legião,
de confiabilidade duvidosa

Prefeito Thrasyllus: Comandante da Décima Coorte Auxiliar Gálica

Centurião Tubero: Comandante do contingente
de cavalaria da Oitava Coorte

Centurião Galerius: Centurião sénior da Oitava Coorte

Centurião Hitetius (retirado): Um legionário veterano
sem nada a perder

Centurião Macro (um pouco menos retirado): Um legionário
veterano e o melhor amigo do prefeito Cato

Agricola: Tribuno no estado-maior do governador, ainda verde
mas destinado a grandes coisas, se sobreviver até lá

Centurião Vespillus: Comandante em exercício da guarnição
de Londinium, dificilmente à altura

Phrygenus: Cirurgião da Oitava Coorte

Civis romanos

Cláudia Acte: Amante do prefeito Cato e antiga concubina
exilada de Nero, agora incógnita

Petronella: Mulher de Macro, destemida e tremenda,
o amor da vida de Macro
Pórcia: Mãe de Macro, igualmente destemida
e tremenda, embora frágil
Lúcio: Filho de Cato e a imagem do pai,
em pleno e harmonioso crescimento
Denubius: Homem de sete ofícios de Pórcia, um leal servidor
Decianus Catus: Procurador da província, um oportunista
intriguista com consequências devastadoras
Maecius Grahmius: Um civil demasiadamente apaixonado
pelo som da própria voz

Rebeldes

Boudica: Rainha dos Icenos, líder orgulhosa dos
cruelmente oprimidos por Roma
Syphodubnus: Nobre iceno que acha que deveria ser ele o líder
Bardea e Merida: Filhas de Boudica
Bellomagus: Campeão da tribo dos Icenos
Tongdubnus: Guerreiro iceno, mas fraco nadador

1

Província romana da Britânia, verão de 61 d.C.

A coluna estava em sarilhos. O centurião Bernardicus, comandante da Primeira Coorte da Nona Legião, sentiu-o assim que avistou o inimigo, protegendo os olhos da luz intensa do sol. Uma linha distante de cavaleiros observava os romanos que se aproximavam desde uma cumeada baixa a menos de um quilómetro. Inicialmente, o centurião confundiu-os com alguns dos batedores da legião em reconhecimento prévio ao avanço do legado Cerialis e dos seus soldados. Mas havia alguma coisa de irregular na disposição dos cavaleiros, e depois deu-se conta da ausência de qualquer estandarte ou da crista vermelha do elmo de um oficial.

Como raios é que um grupo de cavaleiros rebeldes tinha conseguido esgueirar-se através da linha de batedores?, perguntou-se ele. O oficial ao comando do piquete montado iria sentir o gume afiado da língua do legado quando a coluna chegasse ao acampamento, nessa noite. Partindo do princípio de que o inimigo não fazia nenhuma diabrura antes disso. Bernardicus semicerrou os olhos ao olhar para o Sol e calcular que tinha ainda três horas de marcha antes de o legado dar ordem para parar e levantar as defesas de um acampamento de marcha. Sem vala nem muralha.

Bernardicus tinha ficado preocupado por o legado não seguir a doutrina do exército na preparação de defesas, quando em marcha para o interior de território hostil. Havia poucas dúvidas no seu espírito acerca desses perigos, dadas as instruções de Cerialis na véspera do seu avanço desde a base da legião em Lindum, dois dias antes. Chegara uma mensagem do magistrado sénior da colónia de veteranos em Camulodunum a relatar um levantamento da tribo dos Icenos e dos seus aliados trinovantes. O magistrado soubera que os rebeldes se dirigiam para Camulodunum e pedira à Nona Legião para marchar em socorro dos veteranos.

Como centurião sénior da legião, Bernardicus tinha manifestado as suas preocupações ao legado e fora rechaçado com desdenhosa altivez.

— Estamos a lidar com um grupo desorganizado de camponeses armados

— escarnecera Cerialis. — Encabeçados pelos restos de qualquer casta guerreira que tenha sobrevivido à conquista. Não temos nada a temer dessa ralé. Vão olhar uma vez para a vanguarda da Nona e virar costas, disparando para a segurança dos bosques e dos pântanos do seu território.

— Espero que tenha razão, senhor — assentiu Bernardicus diplomaticamente. — Mas, e se eles ficarem e lutarem?

Um sorriso glacial tomou forma nos lábios de Cerialis.

— Então esmagamo-los, dispersamos os sobreviventes que houver e crucificamos os cabecilhas. Depois disso, duvido que alguma tribo desta ilha que viva sob o nosso domínio tenha tomates para voltar a rebelar-se.

Bernardicus não conseguiu evitar um certo grau de júbilo amargo face às palavras do seu superior, dado o género do líder inimigo. Vira a Rainha Boudica havia uns meses, quando ela estivera entre os líderes tribais a prestar a homenagem anual ao Imperador perante o governador da província, em Londinium. Alta, orgulhosa e de cabelos flamejantes, destacara-se entre os outros. Uma mulher a ter em conta, tinha pensado Bernardicus, e veio a provar-se que tinha razão. Onde Boudica liderava, o seu povo, homens e mulheres, tanto velhos como novos, era certo que a seguiriam no seu desejo de humilhar Roma e o seu governante, o Imperador Nero.

Roma tinha um historial de temer mulheres poderosas e, felizmente para o Império, de triunfar sobre elas. Ainda assim, o centurião não pôde evitar um tremor de ansiedade. Noutras circunstâncias poderia ter partilhado a complacente confiança do legado. Tal como as coisas eram, o grosso do exército romano que ocupava a Britânia estava em campanha contra as tribos da montanha no extremo ocidental da ilha. O governador Paulino despojara a província dos melhores soldados para preencher as fileiras do exército, incluindo quatro das coortes da Nona. As únicas forças disponíveis para enfrentar Boudica e os seus rebeldes compreendiam os recrutas inexperientes que estavam a ser treinados na base da Segunda Legião, em Isca Dumnoniorum, um punhado de auxiliares de fraca qualidade, e as restantes seis coortes da Nona, em Lindum.

Orgulhoso como Bernardicus era da sua legião, tinha consciência de que as coortes que marchavam atrás dele estavam mal guarnecidas e os seus homens não tinham conseguido igualar os seus camaradas que agora serviam sob as ordens de Paulino. Tinha também consciência das limitações do seu superior. O legado Cerialis só recentemente fora nomeado comandante da Nona e chegara à Britânia envolto na arrogância e na ambição usuais da sua classe. A sua única experiência de combate fora uma breve expedição

punitiva ao outro lado do Reno, durante o seu período como tribuno. Ainda tinha de adquirir a necessária experiência arduamente conquistada para fazer dele um legado decente.

Tudo isto perpassou pela mente do centurião veterano numa questão de segundos, antes de encher o peito de ar para dar a ordem.

— Primeira Coorte! Alto!

Os homens, ligeiramente curvados para a frente sob o peso do equipamento preso à canga que transportavam enquanto marchavam, deram mais uma passada e meia ao longo do trilho e pararam. Alguns olharam-no com surpresa. Tinham parado para descansar havia pouco mais de um quilómetro, e era ainda demasiado cedo para levantar acampamento. Bernardicus ignorou-os e avançou mais vinte passos em relação à coluna, antes de parar para examinar os cavaleiros distantes.

A cadência surda de cascos anunciou a aproximação do legado Cerialis e do seu pequeno bando de oficiais do estado-maior, tribunos de rosto jovem que nunca tinham estado em combate. Talvez isso estivesse quase a mudar, refletiu Bernardicus.

— Que raio significa isto? — vociferou Cerialis. — Quem deu a ordem para a coluna parar?

O centurião virou-se e saudou com um aceno da cabeça.

— Dei eu, senhor.

Cerialis franziu o cenho.

— Porquê?

Bernardicus apontou para a cumeada. O legado endireitou-se e semicerrou brevemente os olhos.

— Então?

— O inimigo, senhor.

— Disparate. Aqueles são os nossos batedores.

— Olhe outra vez. São tão romanos quanto eu sou druida, senhor.

Cerialis e os seus tribunos fitaram o espaço além da coluna e depois um dos últimos pigarreou.

— O centurião tem razão, senhor.

— Então, onde estão os batedores? Deveriam limpar o caminho à nossa frente.

Bernardicus respirou fundo antes de responder.

— Eu diria que os nossos rapazes estão mortos, foram aprisionados ou obrigados a fugir. Alguns deles podem voltar para nós, mas os batedores já se foram, senhor.

— Já se foram? — Cerialis olhou em volta como se o centurião estivesse louco. — Impossível.

Bernardicus encolheu os ombros, ao que se seguiu um silêncio tenso enquanto os oficiais esperavam que o legado desse novas ordens. Ali perto, os legionários permaneciam prontos, ainda de equipamento ao ombro. Ao fim de algum tempo, o tribuno sénior colocou o cavalo ao lado do seu superior.

— Dê a ordem, senhor, e eu levarei para diante o resto do nosso contingente montado para expulsar aqueles rebeldes do caminho.

Cerialis mordeu o lábio inferior por um momento e depois abanou a cabeça.

— Se eles liquidaram os nossos batedores, não mandarei embora mais nenhuns homens nem os enviarei para uma perseguição inútil. Não... Vamos continuar a avançar. Os rebeldes não ousariam atacar a coluna. Além disso, temos de chegar a Camulodunum tão rapidamente quanto possível e salvar os nossos camaradas que lá estão.

E sem dúvida reivindicar uma coroa cívica por lhes salvar a vida, pensou Bernardicus cinicamente. Como a maior parte dos da sua espécie, Cerialis estava ansioso por conquistar condecorações militares para acrescentar brilho ao nome da sua família.

— Passa a palavra à coluna para se juntar — continuou o legado. — O contingente montado deve formar à retaguarda.

— Sim, senhor.

Quando o tribuno trotou de volta ao longo das fileiras dos legionários à espera, Bernardicus avançou ele próprio pelo trilho, levando à boca uma mão em concha enquanto gritava:

— Centuriões da Primeira Coorte! A mim!

Quando ficou longe o suficiente para não ser ouvido pelo legado parou, e os outros centuriões da sua coorte juntaram-se à sua volta.

— Parece que não voltamos a ver os nossos batedores, rapazes. Cerialis está determinado a alcançar Camulodunum mesmo assim. Acha que podemos eliminar quaisquer rebeldes que tentem a sua sorte. Por isso, vamos manter-nos bem juntos e atentos a qualquer problema. Somos a vanguarda da Nona, por isso cabe-nos dar o exemplo. Nada de distrações ou reclamações da parte dos nossos rapazes, compreendem? Se outro lado tentar bloquear-nos o caminho, passamos por eles mais depressa do que uma ovelha caga. — Olhou os seus subordinados e deparou-se com olhares firmes. — Os nossos camaradas em Camulodunum estão a contar connosco. São bons homens. Conheci o magistrado principal deles quando estivemos ambos na

Segunda Legião. Macro é um dos melhores. Se fosse ao contrário, ele daria tudo por tudo para nos salvar.

— Acha que haverá algum problema? — perguntou um centurião bem constituído.

— Há sempre problemas nesta ilha de merda, Timandrus.

Houve um coro de risos e alguns sorrisos de alguns dos outros centuriões.

— Sem os batedores somos cegos — continuou Timandrus. — Quem sabe para o que estamos a caminhar? Poderia ser uma armadilha.

— Poderia ser — admitiu Bernardicus. — Mas nós nunca deixámos que estes bárbaros de rabo peludo nos levassem a melhor, e não é hoje que o vão fazer. Certo?

O outro assentiu.

— Isso dito, se eu der ordem para pousarem o equipamento, quero os rapazes formados num abrir e fechar de olhos, com os escudos e os dardos preparados. Agora voltem para os vossos homens e estejam prontos para se porem em movimento assim que Cerialis der ordem.

Bernardicus regressou à cabeça da coluna e arrancou corajosamente a passo largo no instante em que o legado deu ordem para retomar o avanço. Os legionários da sua centúria marcharam firmemente no seu encalço. Adiante, na cumeada, os homens a cavalo mantiveram a posição enquanto observavam a aproximação dos romanos. O trilho inclinava-se ligeiramente, e quando Bernardicus chegou a duzentos metros dos rebeldes, sentiu o frio do primeiro arrepio de preocupação a percorrer-lhe o centro das costas. Ao mesmo tempo, contraiu os ombros e continuou a avançar sem o mais pequeno sinal de hesitação. Sempre se esforçara por parecer corajoso e sem medo, para fornecer um exemplo tranquilizador aos seus homens. Mesmo agora, resistia ao impulso de ordenar ao seu servo para lhe trazer a mula que transportava o seu pesado escudo retangular, enquanto ele lhe entregava a capa para que as pregas não lhe dificultassem os movimentos, se uma luta ocorresse.

Ainda mais perto, a não mais do que cem metros da crista da cumeada baixa, conseguiu distinguir os macabros troféus que os cavaleiros agora erguiam para os romanos verem. Cabeças decepadas, agarradas pelo cabelo. Agitadas perante os legionários enquanto os rebeldes zombavam e gritavam insultos.

— Cabrões! — gritou uma voz mesmo atrás de Bernardicus. — Vão pagar por isto.

— Silêncio nas fileiras! — O centurião olhou de relance sobre o ombro. — O próximo que abrir a boca fica de faxina às latrinas durante um mês!

Os cavaleiros baixaram a cabeça, depois viraram as montadas e trotaram ao longo da encosta mais distante e desapareceram de vista. Bernardicus já tinha feito aquele caminho muitas vezes e conhecia o estado do terreno em diante. Havia uma descida abrupta para um vale arborizado, onde o terreno fora limpo pelos engenheiros do exército por uma distância suficiente de ambos os lados do trilho para negar a hipótese a qualquer atacante de surgir súbita e inesperadamente. Isso também proporcionava aos romanos espaço para mudarem, se necessário, para uma formação mais defensiva. O vale era também um bom local para emboscar a coluna, mas três mil soldados, armados até aos dentes, do melhor exército do mundo deveriam ser mais do que suficientes para enfrentar qualquer força que as tribos conseguissem reunir, tranquilizou-se Bernardicus a si mesmo.

Olhando para trás, viu que os espaços entre as seis coortes tinham diminuído e os seus pequenos comboios de carroças e mulas com a bagagem eram agora flanqueados pelos legionários da centúria mais recuada de cada coorte. A coluna tinha agora pouco mais de metade do comprimento de antes da paragem, quando havia sido estirada ao longo do trilho.

O centurião alcançou a crista e olhou para o vale lá em baixo. Pôde ver que os homens a cavalo tinham aumentado a sua distância para quase um quilómetro adiante da coluna, mas não havia sinais de quaisquer outros rebeldes. Esquadrinhou a linha das árvores de ambos os lados do trilho, mas não havia sinal de movimento. Então os seus olhos caíram sobre um aglomerado de corpos que jaziam a meio caminho entre ele e os cavaleiros. Os corpos decapitados do esquadrão de batedores. Tinham sido despidos e as suas armas e cavalos levados, e a sua pele lívida estava salpicada e manchada com sangue sob o sol intenso. Quando a coluna se aproximou mais, ele ouviu os seus homens praguejarem entre dentes ao longo da coorte e uma vez mais exigiu silêncio com irritação, antes de se virar para o homem abaixo dele na cadeia de comando.

— Optio Severus, os meus cumprimentos ao legado. Diz-lhe que encontramos o que resta dos batedores.

— Sim, senhor.

Bernardicus fez uma pausa enquanto o optio trotava ao longo da coluna, e depois ordenou:

— Primeira Secção, Primeira Centúria... Saiam da formação, tirem os corpos do caminho e carreguem-nos para os carroções.

Os funerais poderiam ser organizados assim que a legião tivesse acampado, ao final do dia. Identificar os corpos seria, no entanto, um problema,

especialmente se o inimigo tivesse levado como troféus as etiquetas com a identidade dos batedores.

Os homens da secção da frente pousaram o seu equipamento à beira do trilho e avançaram rapidamente para cuidar dos corpos, enquanto o centurião continuava a levar a coluna para o vale. Dispensou um breve olhar aos corpos dispostos ao lado do trilho quando passou, depois retomou o exame minucioso do caminho adiante em busca de sinais de perigo. As encostas arborizadas de ambos os lados bloqueavam tudo, deixando passar apenas uma levíssima brisa, e o ar no vale era parado e quente. O suor escorria-lhe por baixo do barrete de feltro que trazia sob o elmo emplumado. Os fetos e a vegetação rasteira de ambos os lados estavam ressequidos depois de muitos dias sem chuva. Acima o céu estava limpo e o sol da tarde assava impiedosamente os homens em marcha, enquanto dois milhafres mergulhavam languidamente contra o fundo azul-celeste em busca de uma presa. De vez em quando, os cavaleiros refreavam as montadas e provocavam os romanos com os seus troféus sangrentos antes de voltarem a avançar a trote. De cada vez que isso acontecia, Bernardicus sentia o sangue ferver-lhe nas veias, frustrado por não poder vingar os seus camaradas.

A coluna avançara mais de três quilómetros no interior do vale quando ele viu o primeiro redemoinho de branco à sua frente. Um momento depois havia mais, e outro ainda, até que várias colunas de fumo ficaram visíveis a toda a largura do terreno aberto de ambos os lados do trilho. Conseguia distinguir figuras com tochas em movimento para incendiar ainda mais fetos e outra vegetação seca. Em breve podia-se discernir as chamas por baixo do fumo, clarões intensos vermelhos e alaranjados que rapidamente se espalhavam de um lado para o outro até haver uma cortina de fogo e fumo a bloquear o caminho. De vez em quando, Bernardicus conseguia ver as figuras dos rebeldes para lá dela, cintilando na neblina do calor.

Mandou a coluna parar mais uma vez a uma centena de metros do bra-seiro e ordenou à coorte para pousar o equipamento e permanecer ao longo do trilho.

— Senhor! Veja!

Ele virou-se e viu Timandrus a gesticular na direcção da retaguarda da coluna. Acima da nuvem de pó, levantada pelos milhares de botas e pelos cascos e as rodas das carroças, o fumo elevava-se ainda de mais fogos que se estendiam pelo vale atrás da legião. Enquanto os soldados romanos olhavam ansiosamente em ambas as direcções, ouviu-se um rugido profundo vindo das árvores dos dois lados. Bernardicus sentiu as entranhas revolverem-se

quando viu figuras emergirem da zona de obscuridade, por baixo dos ramos das árvores, e fluírem para o terreno aberto.

Centenas, e depois milhares, de rebeldes aglomeravam-se de cada lado da Nona Legião, bramindo os seus gritos de guerra, escárnios e insultos, ao mesmo tempo que brandiam lanças, espadas e machados. No meio deles, os chefes e druidas instavam os seus seguidores a prosseguirem.

— Primeira Coorte! Formar quadrado! — Bernardicus teve de forçar os pulmões para que a ordem fosse ouvida acima da algazarra que enchia o ar abafado. Acenou ao seu criado para avançar e pegou no seu escudo, entregando-lhe a vara de vime antes de ordenar ao homem para recuar para o comboio da bagagem. À sua volta, os homens da sua coorte mudaram a formação, a sua centúria de frente para o fogo, duas mais em cada flanco e a última a fechar a retaguarda da formação. Os seus grandes e pesados escudos formaram uma parede, e entre cada escudo projetava-se a ponta de um gládio. Os dardos foram passados para trás aos homens da fila da retaguarda, prontos para serem arremessado sobre as cabeças dos seus camaradas.

As outras cinco coortes da coluna estavam ainda a completar a manobra quando soaram as trompas de guerra dos rebeldes. A unidade mais recuada rodeou o comboio da bagagem e o contingente montado, bem como o legado e o seu estado-maior. Bernardicus apenas conseguia distinguir o brilho do estandarte com a águia dourada e os pendões vermelho-vivo dos outros estandartes da legião.

As trompas voltaram a retumbar e os romanos firmaram-se para a carga inimiga. Em vez disso, centenas de homens avançaram até ficarem a uma centena de metros dos legionários. Cada um transportava uma tocha e curvaram-se para as arremessar para dentro da vegetação seca, cercando a Nona de fogo. Apenas agora Bernardicus se dava conta de que o terreno à frente das árvores tinha sido limpo da maior parte do material combustível, que fora astuciosamente ocultado entre os fetos ressequidos junto ao trilho.

— Merda — articulou ele baixinho, antes de se voltar para sossegar os seus homens com um sorriso forçado. — Segurem-se bem, rapazes! Temos muito trabalho escaldante à nossa frente!

O cordão de fogo estava ainda a alguma distância, e ele vislumbrou intermitentemente o inimigo através das chamas ondulantes e do ar escaldante. O braseiro impedia qualquer ataque de momento, refletiu ele. Depois a verdade da situação deles tornou-se evidente. O inimigo não tencionava atacar a legião diretamente; a intenção era deixar o fogo fazer o trabalho por eles e depois apanharem os sobreviventes. As chamas já abriam caminho em

direção à coluna romana numa onda de explosões latentes, depois estrondosas, que estalavam e silvavam como um monstro possuído por demónios. Só um caminho para a salvação ocorria a Bernardicus e, embainhando a espada, virou-se para os seus homens.

— Temos de criar um corta-fogo. Cortamos tanta vegetação quanta pudermos e despejamo-la junto do fogo. Severus, põe os homens a trabalhar nisso!

Deixando o optio a obedecer às suas ordens, o centurião moveu-se ao longo da coluna para passar as instruções. Quando chegou à Quinta Coorte, viu Cerialis a cavalgar na sua direção.

— Em nome de Júpiter, o que se passa aqui, centurião? Porque estão os homens a desfazer as fileiras? Precisam de estar preparados para receber um ataque.

Bernardicus explicou brevemente e concluiu com um aviso:

— Temos de o fazer, senhor, ou perecer no braseiro.

O legado olhou para a cabeça da coluna e observou os esforços frenéticos dos legionários antes de se retrair com críspação e assentir.

— Muito bem, continue. Assim que tivermos subjugado o fogo e ele se extinguir, ensinaremos àqueles bárbaros o preço de desafiar Roma.

Quando o centurião se afastou, uma explosão de calor escaldante provocado por um surto de labaredas fê-lo vacilar. Ao longo da coluna, os legionários tinham pousado os escudos e atacavam a vegetação rasteira, usando as espadas para soltar raízes e retirar o material combustível da terra nua antes de o lançar para as chamas. Ainda assim, o fogo continuava a aproximar-se e o calor forçava os homens a recuar para um espaço cada vez menor de cada lado do trilho. Mas o braseiro não constituía o único perigo. O inimigo arremessava pedras e lanças e disparava flechas através das chamas e do fumo, atirando às cegas, mas atingindo romanos que tinham sido obrigados a pousar os escudos para trabalhar no corta-fogo. As baixas eram arrastadas para o trilho, onde os médicos da legião cuidavam dos seus ferimentos o melhor que podiam, enquanto fumo e cinzas redemoinhavam à sua volta. As mulas do comboio da bagagem zurravam, aterradas, ao mesmo tempo que se comprimiam umas contra as outras e os condutores tentavam impedir que se emaranhassem. A coesão disciplinada da legião estava a começar a quebrar-se enquanto os homens eram repelidos pelo calor.

Bernardicus voltou-se para o legado.

— Vamos ter de passar através do braseiro, senhor. Não podemos ficar no trilho. O fogo está a levar a melhor sobre nós.

Cerialis olhou para o cordão de chamas reluzentes e fumo.

— Não conseguimos passar através daquilo.

— Temos de passar, senhor. E rapidamente. Antes que avance para nós.

— Como?

— Os homens terão de usar as capas para abrir caminho através das chamas.

— Mesmo que isso funcione, o inimigo estará à nossa espera do outro lado.

— Sim, senhor. Essa é a escolha que temos à nossa frente. Ou ficamos aqui e assamos, ou arriscamos o confronto com os rebeldes. Prefiro morrer com uma espada na mão do que queimado até aos ossos.

O legado estremeceu.

— Então, não temos escolha. Volta a formar as coortes e diz aos homens que encontraremos uma forma de escapar à armadilha pela força. Vamos dirigir-nos para a direita — continuou ele. — Dessa forma, só teremos de enfrentar metade deles antes de o resto perceber o que está a acontecer e contornar o braseiro para se juntar à luta.

— Sim, senhor. Boa ideia — reconheceu o centurião. — É melhor por-mo-nos em movimento todos ao mesmo tempo para tirar o máximo partido disso.

— Mandarei que as cornetas anunciem o avanço quando os homens estiverem preparados. — Cerialis indicou os homens que transportavam os instrumentos de metal, formados atrás dos estandartes da legião. — Vai e dá a ordem, centurião.

Bernardicus apressou-se a regressar para a coluna, parando para transmitir instruções aos comandantes de cada coorte, e os homens afastaram-se das chamas, de rosto reluzente de suor, enquanto apanhavam os escudos do chão e esperavam pelo sinal. Quando alcançou a sua centúria, à cabeça da coluna, e explicou o plano, o seu optio olhou para o fogo, a não mais de vinte metros de distância, e abanou a cabeça.

— Nunca conseguiremos fazê-lo.

— Talvez sim, talvez não — replicou laconicamente Bernardicus. — Podemos discutir isso depois. Apronta os homens.

— Sim, senhor. — O optio esboçou um sorriso forçado. — Depois, então.

Os homens da Primeira Centúria formaram, quatro a quatro, para a direita. Uma das secções aprontou as capas, enquanto os seus camaradas lhes carregavam os escudos. As capas foram apressadamente encharcadas com água dos cantis. Outras três secções ficaram com dardos, prontos para os lançar

contra o inimigo do outro lado do braseiro enquanto o caminho era aberto para a centúria passar e enfrentar os rebeldes. Olhando ao longo da coluna, Bernardicus podia ver as outras centúrias a fazer os seus preparativos, e o legado e os seus homens ao longe.

— Dá a ordem — murmurou para si mesmo. As chamas estavam suficientemente perto para ele ter de semicerrar os olhos de modo a protegê-los do calor abrasador. — Por amor de Júpiter, homem, dá a maldita ordem...

Viu que os seus homens se comprimiam cada vez mais, e erguiam os escudos para se protegerem do ar escaldante que lhes aguilhoava a pele exposta. Ergueu o seu próprio escudo e baixou a cabeça atrás dele.

— Senhor! — gritou uma voz. — Tem a crista a arder.

Cheirou o súbito odor acre a pelo de cavalo queimado e lançou a mão ao cantil, retirando a tampa e molhando o cimo do elmo com o que restava do seu conteúdo. As notas estridentes das cornetas da legião soaram acima do rugido do fogo, e ele deixou cair o cantil ao seu lado enquanto bradava aos seus homens:

— Batedores de capas! Avancem!

Os homens com as capas ensopadas dobraram-se sobre si para conservar o calor afastado do rosto, enquanto corriam para diante e começavam a atacar os fetos e as ervas a arder, lançando depois as capas para o chão para abafar as chamas. Ao fim de algum tempo, apenas uma estreita linha de fogo os separava do inimigo.

— Dardos! — vociferou Bernardicus. — Lançar!

Os legionários arremessaram as armas num arco pouco pronunciado e as hastes desapareceram no interior do fumo. Um instante depois ouviram-se gritos de alarme à medida que as pontas penetravam nas fileiras inimigas. Uma longa experiência ensinara ao centurião a importância de atacar enquanto o inimigo ainda estava a recuperar do impacto de uma saraivada de dardos, e, agarrando na espada, gritou para que os seus homens o seguissem enquanto corria em direção às capas fumegantes no chão. Ouviu um homem mesmo atrás dele bradar o grito de batalha da legião: «Avante Hispânia!»

Explodindo através de uma ténue cortina de chamas, sem se importar com as picadas penetrantes que provocavam, avançou através do terreno do outro lado, onde fiapos de fumo se elevavam em espiral da terra enegrecida. Os primeiros dos seus homens correram logo atrás e espalharam-se para ambos os lados, dirigindo-se para os rebeldes mais próximos. O inimigo estava apenas amontoado, ocupado a aclamar a perspectiva de os seus oponentes serem queimados vivos. Agora estavam a ser apanhados de surpresa à medida

que os romanos irrompiam através das chamas e desfechavam os escudos sobre os elementos tribais, atacando-os depois com os gládios.

Bernardicus viu uma figura alta, de elmo e armadura, à sua direita e tomou o homem por um dos líderes inimigos. Volveu em direção ao seu oponente, que teve tempo de erguer o seu escudo oblongo de forma a colidirem estrondosamente. O balanço era maior do lado do romano e o rebelde tropeçou para trás. Bernardicus aproveitou a vantagem e empurrou a espada através da garganta do outro, fazendo sair a ponta pela nuca. Recuperando a lâmina, não dispensou um segundo olhar ao seu inimigo quando o rebelde caiu de joelhos, largando a espada e o escudo enquanto gorgolejava sangue. De ambos os lados, mais homens seus se lançavam contra o inimigo depois de enfrentarem a ténue cortina de fogo. Para a sua direita, as outras unidades romanas faziam o mesmo, investindo com fúria desesperada para destruir o moral dos rebeldes.

O centurião virou-se para enfrentar um jovem guerreiro rebelde, alto e escanzelado, mal tendo idade para lhe crescerem pelos no queixo. Os olhos do jovem estavam arregalados de medo e a ponta da sua lança tremia ao confrontar o oficial romano. Bernardicus fez embater com força a parte plana da espada na borda do escudo do oponente e deu-se conta de que ele titubeou. Fez uma finta com a espada e rosnou funestamente, e o jovem retrocedeu apressadamente e desapareceu entre os seus camaradas. O ar encheu-se dos gritos de guerra dos Icenos e dos rebeldes trinovantes, que avançaram em direção aos grupos dispersos de legionários a lutar desesperadamente por uma posição segura do outro lado das chamas. Olhando sobre o ombro, Bernardicus pôde ver que quase todos os homens da sua centúria tinham atravessado o fogo e, de momento, estavam a aguentar-se sozinhos. Outras unidades da legião não estavam a sair-se tão bem. Algumas nem sequer tinham rompido a muralha de chamas. Outras tinham, mas estavam a ser obrigadas a recuar para o braseiro. Ele sentiu uma agonia de chumbo pesar-lhe na boca do estômago ao perceber que a luta estava já perdida. As probabilidades jogavam a desfavor dos romanos e pioravam a cada segundo. A única esperança, para ele e para os seus homens, era tentar abrir caminho através do inimigo e refugiarem-se no arvoredo.

— Formem uma cunha comigo! — gritou ele por cima da algazarra da batalha. — Primeira Centúria, a mim!

Os seus homens aproximaram-se dele em formação apertada, com o estandarte da centúria duas fileiras atrás de Bernardicus. Ele esperou um instante para se assegurar de que os últimos tinham escapado às chamas,

e depois marcou o ritmo enquanto a cunha, com os escudos sobrepostos e pontuada pelas pontas das espadas dos legionários, marchava para o interior da massa densa de elementos tribais. Firmando os braços que seguravam os escudos, os romanos forçaram para abrir impetuosamente o caminho, atacando à espadeirada qualquer guerreiro inimigo que se colocasse ao alcance. Golpes de espada e de machete resvalavam surdamente nos escudos curvos e ressoavam agudamente quando atingiam os grandes protetores hemisféricos das mãos.

Firmemente, a cunha abriu caminho, deixando um rasto de corpos atrás de si. Um punhado de legionários ficou ferido, e aqueles que ainda conseguiam caminhar ficavam atrás do estandarte e faziam o possível por acompanhar os outros. Os que não conseguiam eram levados pelos camaradas do meio da formação, mas quando estes últimos eram chamados a preencher lacunas, os homens feridos eram deixados para trás para serem massacrados pelo inimigo.

Bernardicus dirigiu a formação para as árvores mais próximas, dando-se conta de que parecia existir lá um trilho estreito que subia pela encosta em direção à cumeada. Decidiu que essa seria a melhor hipótese de a centúria escapar ao destino do resto da legião. A toda a volta o inimigo continuava o ataque, cada vez mais frustrado pelo facto de não conseguir romper e esmagar a cunha enquanto esta escavava o seu caminho para diante. Apenas um punhado de rebeldes estavam agora no caminho do centurião, e ele empandeirou um deles para o lado e decepou o braço de outro até que os restantes recuaram e deixaram o trilho desguarnecido.

— Fiquem comigo, rapazes! — bradou ele. — Mantenham-se no trilho!

Movimentou-se rapidamente por entre as árvores e subiu o declive a correr, com os pulmões a arderem com o esforço despendido. Os seus homens seguiram-no e os mais recuados voltaram-se para cobrir a retirada enquanto o inimigo os perseguia de perto. A vegetação rasteira começou a ser mais densa à medida que o trilho penetrava no arvoredor, dificultando qualquer tentativa de os rebeldes assediarem os flancos ou contornarem os romanos e bloquearem a sua fuga. Os ruídos da luta no vale começaram a desvanecer-se à medida que as árvores abafavam o barulho.

Após cerca de meio quilómetro, as árvores começaram a rarear, e Bernardicus conseguiu ver um pouco mais adiante a crista nua de um outeiro que fazia parte da cumeeira. Se conseguissem ocupar o terreno mais elevado, os seus homens poderiam recuperar o fôlego enquanto ele ponderava o próximo passo.

— Instala o estandarte lá em cima — disse ele, ofegante, ao porta-estandarte da centúria, e depois afastou-se para o lado para incitar os seus homens enquanto eles passavam por ele aos tropeções e a arquejar. Quando os retardatários chegaram, respirando pesadamente sob o fardo da armadura e dos escudos, ele apontou para o estandarte.

— Lá para cima, rapazes. Depois podem descansar um pouco.

Podia ouvir os ruídos da luta cada vez mais perto: o chocar das lâminas e o baque surdo das armas sobre os escudos. Voltou para trás pelo trilho, virou numa curva e esbarrou com o optio Severus, que comandava a secção que formava a retaguarda. Para lá deles podia ver o inimigo, desesperado para caçar e abater as suas presas. Os seis legionários revezavam-se para retroceder, usando os seus escudos largos para bloquear o caminho enquanto atacavam a golpe de espada quaisquer rebeldes suficientemente imprudentes para se porem ao alcance.

— Bom trabalho, Severus — felicitou-o.

— Trabalho árduo, senhor.

— Tenho o resto da centúria no cimo da cumeada. Atrasa esse grupo o mais que pudes antes de recuarem para junto do estandarte. Terei duas secções prontas para vos cobrir assim que o caminho sair do arvoredo. Entendido?

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Bernardicus deu-lhe uma palmada no ombro e deixou-o entregue à sua tarefa. Subindo novamente pelo trilho, cruzou-se com um retardatário que tinha tombado para o chão mesmo antes de este se tornar terreno aberto. Era um dos homens mais novos, que só recentemente se juntara à Nona. Estava de joelhos, inclinado para a frente enquanto arquejava, tentando respirar, com a espada embainhada e o escudo pousado no chão ao seu lado.

— De pé, rapaz! — Bernardicus sorriu-lhe. — Não deixes aqueles bárbaros pensarem que não conseguimos ir longe.

— Muito cansado... senhor. Cansado como o caraças...

— Haverá muito tempo depois para estar cansado. — Curvou-se para puxar o legionário e pô-lo de pé, e depois apanhou o escudo para lho entregar. — Vais precisar disto. Podes acreditar.

Deu um suave empurrão ao jovem, e subiram juntos a curta distância até à crista da cumeada, onde os outros homens estavam reunidos em redor do estandarte.

Bernardicus respirou fundo para se assegurar de que a sua ordem seria ouvida claramente.

— Primeiras duas secções! Atrás de mim! O resto de vocês estejam preparados para a ação assim que o inimigo sair do arvoredor.

Os homens ergueram-se com cansaço ao longo da crista da colina. Bernardicus conseguia ver as chamas e o fumo que envolviam o resto da coluna e o comboio da bagagem. Um grupo de mulas emergiu do braseiro com as crinas a arder. Enquanto corriam pelo campo aberto, enlouquecidas pela dor e a aflição, o inimigo dispersou para evitar cair sob os seus cascos e as pesadas rodas da carroça em chamas. No meio das chamas pôde ver legionários a comprimirem-se em pequenos grupos, tentando abrigar-se por trás dos escudos até que também estes pegavam fogo. Outros, solitariamente ou em pequenos grupos, atravessavam as labaredas velozmente e eram eliminados pelo inimigo que esperava do outro lado.

Na retaguarda da coluna, várias outras carroças puxadas por mulas disparavam através do inimigo, limpando um largo caminho. Imediatamente a seguir a elas galopava um corpo de homens a cavalo. Bernardicus sorriu amargamente quando percebeu que aqueles deviam ser Cerialis, o seu estado-maior e o resto do contingente montado, a salvarem a pele enquanto a infantaria era queimada viva ou chacinada pelo inimigo. Um punhado de cavaleiros foram arrancados das suas montadas, enquanto o grupo abria caminho por entre os rebeldes dispersos, mas o resto escapou e disparou ao longo do trilho na direção da fortaleza em Lindum. O legado viveria para contar a história. Bernardicus apenas poderia esperar que a sua reputação morresse juntamente com os milhares de bons soldados que ele conduziria para a armadilha.

Virou-se para as duas secções que ele tinha convocado para cobrir a retirada do optio.

— Vamos, rapazes.

Não tinham descido mais de dez metros pela encosta quando Severus e dois dos seus homens surgiram a correr das árvores à frente do inimigo, acelerando em direção à crista. O homem mais recuado tropeçou e caiu de joelhos. Um instante depois foi atingido na cara por um guerreiro musculado que brandia um machado. O segundo golpe foi desferido sobre o elmo, desfazendo-lhe o crânio. Um punhado de companheiros do guerreiro interrompeu a sua perseguição para retalhar o corpo e trespassá-lo com lanças antes de retomarem a perseguição. A sua sede de sangue foi a salvação de Severus e do último sobrevivente da secção da retaguarda, quando correram através da estreita abertura na linha dos escudos, que se fechou atrás deles. Bernardicus e os seus homens tinham recuperado o fôlego e facilmente

repeliam os rebeldes que chegavam até eles, eliminando vários antes de ele dar a ordem de interromper o contacto e retirar para a crista.

Uma constante torrente de rebeldes saiu do caminho e outros se lhes juntaram desde o arvoredor, fluindo rapidamente através da encosta e começando a rodear a crista. Bernardicus considerou incitar os seus homens a segui-lo numa tentativa de forçarem de novo uma saída, mas agora não havia qualquer hipótese de escapatória. Era melhor firmarem a sua última posição ali do que serem abatidos como cães numa vã tentativa de ultrapassar o inimigo.

Cuspiu, e depois bradou:

— Juntem-se em volta do estandarte!

Calculou que subsistiam um pouco mais do que quarenta dos seus homens. Tinham pelo menos uns mil rebeldes a cercá-los, e continuavam a surgir mais a todo o momento. Um cabecilha a cavalo assomou de entre as árvores e estacou em segurança fora do alcance dos dardos enquanto examinava a posição romana. Gritou uma ordem para os seus seguidores, e os que estavam mais próximos dos legionários recuaram e começaram a escarnecer e a lançar insultos ao pequeno núcleo de soldados que defendiam o cimo da colina.

Bernardicus olhou-os silenciosamente. Permaneceu de mente límpida mesmo enquanto observava a massa de guerreiros e aqueles que, ao longe, ainda se juntavam em torno da conflagração no vale. Aquele era o momento que todos os soldados consideravam muitas vezes durante o seu tempo de serviço. Havia sempre a questão acerca de como iriam enfrentar o fim, fosse qual fosse a forma como ele se apresentasse. Uma morte súbita e misericordiosa, a agonia prolongada de um ferimento mortal, ou, como era agora o caso, a certeza da aniquilação. Sabia que tivera melhor sorte do que a maioria dos que serviam nas legiões. Sobrevivera a batalhas e escaramuças quando muitos outros que ele conhecia não haviam escapado. As promoções, condecorações e saques tinham vindo ao seu encontro e pago a modesta propriedade agrícola na Gália, onde a sua mulher criava os seus filhos. Pensou neles afetuosamente, e a única coisa de que no fundo se arrependia era de não ter conseguido estar junto deles para uma última Saturnália.

— Ah, bem — murmurou para si próprio. — Os deuses farão os seus jogos.

O cabecilha inimigo aproximou-se lentamente da crista, acompanhado por um dos seus homens. Pararam a cerca de trinta metros, e o cabecilha

espetou o seu dedo na direção do centurião e falou em voz alta e clara na sua língua nativa. Fez uma pausa, e o homem a seu lado aclarou a voz e traduziu num latim com um ligeiro sotaque.

— O meu senhor Syphodubnus apela para que se rendam e salvem as vossas vidas! Deponham as vossas armas e submetam-se à sua misericórdia e serão poupados.

— Oh, acredito mesmo nisso! — disse um dos legionários, cinicamente.

Bernardicus esteve quase a mandá-lo calar, depois pensou melhor e, em vez disso, dirigiu-se a Severus.

— Optio, toma nota do nome desse homem. De faxina às latrinas durante um mês.

Os homens riram-se, tal como ele esperara que fizessem.

— Romanos! Qual é a vossa resposta?

Bernardicus apoiou-se na parte superior do seu escudo.

— O que devo dizer, rapazes? Ele está a convidar-nos para sermos escravos. Eu digo que isso se foda. Mas o que dizem *vocês*, hein?

O ar encheu-se de sonoras vozes de desdém e risos de desprezo, e o barulho do inimigo reunido em volta deles desvaneceu-se por um momento enquanto os rebeldes encaixavam a resposta dos soldados romanos à oferta do seu chefe. Parecendo surpreendido, Syphodubnus falou de novo, esperando que o seu guerreiro traduzisse.

— O meu senhor oferece-vos uma última oportunidade. Rendam-se ou morrem. O que dizes?

Bernardicus fez um compasso de espera para encontrar as palavras certas para resumir os seus sentimentos sobre vergar-se ao inimigo, a sua raiva pela tolice do legado, o seu desespero por não voltar a ver a família, e a camaradagem que sentia pelos homens duros que estavam prestes a morrer juntamente consigo.

Sorriu e gritou a sua resposta:

— Uma porra!

O cabecilha franziu o cenho, voltou-se para o seu tradutor e travou com ele um breve diálogo. Depois encolheu os ombros e lançou uma saudação triste a Bernardicus, antes de virar o cavalo e descer a trote a encosta para junto dos seus seguidores. O sorriso do centurião desapareceu quando bradou aos seus homens.

— Matem quantos daqueles bárbaros conseguirem. Que aqueles que sobreviverem nunca esqueçam os homens da Primeira Centúria, Primeira Coorte da Nona Legião!

Os legionários soltaram uma sonora aclamação e agitaram os gládios, enquanto o porta-estandarte elevava o pendão no ar.

Uma trombeta de guerra soou e um rugido selvagem irrompeu a toda a volta quando os rebeldes investiram pela encosta acima.

— Escudos para cima! — gritou Bernardicus. — Cerrar fileiras!

Os legionários içaram os largos escudos e assentaram bem as botas, prontos para absorver o impacto da carga. Ergueram espadas na horizontal e puxaram os cotovelos para trás, retesando os músculos. O centurião ofereceu uma rápida oração a Marte para que este lhe permitisse morrer com honra e sem demasiado sofrimento, depois cerrou os dentes e enfrentou o inimigo.

Os rebeldes vieram no tropel veloz preferido dos Celtas, de lábios bem abertos enquanto guinchavam os seus gritos, olhos coruscantes e cabelos clareados com água de cal formando espinhos sobre o couro cabeludo. Muitos usavam as tatuagens rodopiantes dos guerreiros nos braços, pernas ou peito, e transportavam os escudos e as lanças que tinham sido ocultados dos dominadores romanos durante muitos anos. Transpuseram os últimos metros num abrir e fechar de olhos e colidiram com a muralha de escudos dos legionários com uma série ondulante de baques e estalos das rachadelas e das lascas, que saltavam à medida que as lâminas mordiam o laminado coberto de couro.

Bernardicus deixou o corpo oscilar sob o impacto e depois contra-atacou, desferindo com o centro do escudo contra o rebelde que brandia uma espada à sua frente. Ouviu o homem gemer, e lançou uma estocada do gládio em redor do lado do escudo, inclinando a ponta para onde calculava estar o torso do seu oponente. Foi recompensado com a trepidação que sentiu ao longo do braço, indicadora da solidez do golpe. Torcendo a lâmina, libertou-a e puxou o braço atrás para atacar novamente. Em torno de si, o ressoar das armas e o som estridente do raspar de lâminas contra lâminas enchia-lhe os ouvidos. Podia ouvir os gemidos e os arquejos dos seus homens mais próximos e os dos seus inimigos.

O primeiro romano caiu quando o seu escudo lhe foi arrancado da mão antes de uma lança arremessada lhe atravessar a coxa e abrir uma artéria. Cambaleou por um momento enquanto o sangue jorrava do ferimento, depois os joelhos dobraram-se debaixo dele e tombou para diante entre os rebeldes.

— Fechem a abertura! — gritou Bernardicus, e a pequena formação encolheu um pouco, enquanto a luta continuava.

À medida que os homens eram eliminados, um a um, os feridos eram

arrastados para o centro e sentavam-se ou estendiam-se aos pés do porta-estandarte, que incitava constantemente os seus camaradas: «Por Roma! Pelo Imperador!»

Bernardicus sabia que este recontro seria esquecido quase logo após ter terminado, e que, embora ele e os seus homens fossem chorados, nenhuma história alguma vez relataria aquela sua derradeira batalha. Ele já não lutava por Roma ou pelo Imperador. Lutava pelos seus homens, e porque era para isso que tinha sido treinado, até ao último suspiro.

Um súbito surto de guerreiros inimigos abriu pela força uma brecha na muralha de escudos um pouco para a sua direita, e depois os rebeldes ficaram no meio deles, atacando os lados e as costas dos legionários que tentavam aguentar o perímetro. Num instante, a formação dissolveu-se numa série de duelos desiguais à medida que o inimigo assolava a posição. Bernardicus viu o porta-estandarte cambalear depois de um golpe de machado desferido por trás; os seus dedos distenderam-se num espasmo e o estandarte escapou-se-lhe das mãos. Quando começou a cair, o centurião atirou o escudo para o lado e saltou para diante, a fim de segurar na haste de madeira e mantê-la de pé, golpeando selvaticamente com a espada quaisquer rebeldes que se aproximassem.

Enquanto os seus homens morriam à sua volta, massacrados onde jaziam sobre as ervas ensanguentadas, Bernardicus foi cercado por vários atacantes. Conseguiu aparar dois golpes e bloquear uma finta antes de uma lâmina se afundar no pulso do braço da espada, quase o decepando. A arma caiu ao seu lado e o inimigo precipitou-se para diante, desferindo cutiladas e estocadas. Ele sentiu os golpes, e o jorrar quente do sangue ao ser obrigado a ajoelhar-se. Continuou, mesmo assim, a agarrar firmemente o estandarte com a mão esquerda, resistindo à primeira tentativa de lho arrancarem da mão. Depois, a sua energia esgotou-se e ele caiu de lado e rolou sobre as suas costas. Quando a sua visão se obscureceu, apenas conseguiu olhar fixa e desesperadamente para cima, enquanto um guerreiro inimigo brandia o seu troféu contra o límpido céu azul ao mesmo tempo que os seus camaradas rugiam triunfantemente.

O estreito da ilha de Mona

O lusco-fusco adensava-se em redor das montanhas a leste, enquanto na outra direção o Sol se punha sobre as suaves encostas de Mona, banhando as nuvens dispersas de um quente fulgor vermelho. O último esquadrão do contingente de cavalaria da coorte do prefeito Cato estava a ser transportado através do estreito a bordo das chatas que tinham sido utilizadas para invadir a ilha. A Oitava Coorte Ilíria era uma das unidades auxiliares constituídas tanto por cavalaria como por infantaria, que eram a força de trabalho do exército romano por todo o Império.

Cato estava a ver o pôr do sol desde um pequeno outeiro sobranceiro ao estreito e ao acampamento fortificado, onde o resto da coorte estava a alimentar e a cuidar dos cavalos antes de atenderem às próprias necessidades. Homens retirados de um certo número de unidades montadas formavam a coluna esvoaçante que escoltava o governador Suetónio na sua tentativa de alcançar Londinium antes de Boudica e da sua horda rebelde. Cato tinha sido obrigado a deixar a sua infantaria com o corpo principal do exército, enquanto ele e o contingente a cavalo da coorte se adiantaram com a coluna do governador. Podia distinguir sem dificuldade as tendas do quartel-general, onde Suetónio planeava o ataque às defesas do inimigo do outro lado do estreito, menos de um mês antes. Podia imaginar a atmosfera febril do quartel-general naquele momento, e o que poderia ser dito na sessão de planeamento para oficiais seniores, que deveria ter lugar mais tarde.

Aproveitara aquele momento de inatividade para descobrir um local onde pudesse estar sozinho. Houvera tão pouco tempo para pensar ao longo dos meses, desde a campanha para derrotar as tribos das colinas e os seus aliados druidas. O inimigo resistira com coragem desesperada e tinha ficado perto de frustrar as ambições de Roma. Tinham lutado até ao limite para proteger os bosques sagrados dos druidas, que existiam há mais tempo do que a História poderia registar. Agora os bosques tinham sido destruídos e os druidas e os seus seguidores massacrados. A maior parte dos guerreiros das tribos

da montanha fora morta, embora um punhado tivesse conseguido fugir da ilha e escapar para o território continental. Apenas umas quantas centenas tinham sido feitos prisioneiros, a fim de serem vendidos como escravos. Os proventos seriam escassos, e juntamente com o saque obtido nos campos de batalha e nos povoados, era duvidoso que o Imperador Nero tivesse muito com que rejubilar quando a notícia da vitória chegasse a Roma.

Cato suspirou. Era a reação do Imperador às outras notícias da Britânia que provocariam agitação na capital. De facto, era mais provável que os relatos do início da rebelião liderada por Boudica chegassem a Nero primeiro, e haveria sentimentos de choque e de ultraje em relação à destruição da colónia de veteranos em Camulodunum. O anúncio da vitória do governador Suetónio sobre as tribos das colinas e a conquista do reduto druida de Mona ficariam ofuscados. Não haveria qualquer celebração, nenhum voto de aclamação para o governador no Senado. Na verdade, o Imperador e os seus conselheiros iriam procurar alguém que arcasse com as culpas e Suetónio seria o primeiro da fila para tal.

Além disso, Cato estava ciente das correntes cruzadas da política em Roma. Havia muitos senadores, alguns dos quais eram ouvidos pelo Imperador, que defendiam o abandono da Britânia. Ele apreciava os argumentos favoráveis à retirada das legiões — que tinham sobretudo que ver com o desequilíbrio entre os custos do funcionamento da província e as receitas que ela gerava. Ao mesmo tempo, os danos ao prestígio romano seriam tremendos. A percepção da influência dos druidas sobre as tribos celtas do território continental tinha levado à invasão da Britânia. Retirar antes de a romanização da ilha estar completa seria visto como fraqueza e encorajaria os inimigos que rodeavam a fronteira do Império fragilmente guardada. Além disso, havia um argumento mais humano a favor da retenção da Britânia: muito sangue fora derramado pelos homens das legiões e coortes auxiliares para subjugar a nova província e acabar com os druidas. Se Roma retirasse agora estaria a escarnecer do sacrifício dos seus soldados, incluindo os veteranos que tinham morrido em Camulodunum.

Quando os seus pensamentos se voltaram para a colónia, como tantas vezes tinha sucedido desde que a notícia chegara a Mona, no dia anterior, uma sombra passou sobre Cato. O pequeno círculo de família e amigos que ele mais amava no mundo estava a viver em Camulodunum quando ele fora chamado para combater na campanha. Tinham-lhe tirado um grande peso dos ombros quando soubera que as mulheres e as crianças tinham sido enviadas para a relativa segurança de Londinium. Porém, o seu melhor amigo,

o centurião Macro, oficial sénior de Camulodunum, tinha permanecido para defender a colónia, e sem dúvida perecera com o resto dos defensores quando os rebeldes tomaram o local.

Macro, seu relutante mentor quando Cato se juntara à Segunda Legião, quase dezoito anos antes. Macro, que estivera lá para partilhar os arrepiantes perigos de todas as campanhas que tinham feito. Macro, que tão orgulhoso ficara quando Cato fora promovido acima dele, e que tinha lidado com a nova situação com uma sensibilidade que desmentia o seu ar duro e rude. Macro, que brindara ao nascimento do filho de Cato, Lúcio, e que convidara Cato para ser o seu convidado de honra quando casou com a sua mulher, Petronella. Macro fora amigo, figura de pai e camarada de armas durante a maior parte da vida de Cato, e ele tinha dificuldade em aceitar que agora desaparecera. Isso doía-lhe tanto que foi tentado pela convicção de que não poderia ser. Que, de algum modo, Macro tinha sobrevivido. Mas a fria razão escarnecia de tão ténue esperança. Macro não teria abandonado o seu posto. Teria morrido a lutar, uma vez que nada mais lhe teria ocorrido. Teria desprezado a fuga ou a rendição.

— Macro morreu — murmurou Cato para si próprio. E depois, mais amargamente, quando o impulso para a negação lhe cresceu no peito: — Está morto...

Tinha de aceitar e usar isso para cimentar a sua decisão de vingar o amigo e derrotar os rebeldes antes de eles marcharem sobre Londinium. Quanto ao seu amor, Cláudia, e o seu filho, esperava sinceramente que tivessem tido o bom senso de deixar Londinium e embarcar para a Gália até a rebelião ser esmagada. Sorriu pesarosamente e corrigiu a sua linha de pensamento. Não existia qualquer certeza de que os rebeldes fossem derrotados. Dada a disposição das forças em jogo, Boudica e os seus seguidores teriam liberdade de ação nas áreas mais ricas e mais vulneráveis da província. Poderiam devastar a Britânia em tal medida que não haveria salvação possível. Pior ainda: se se movessem com rapidez e ousadia, poderiam apanhar as forças romanas antes de o governador ter hipótese de as concentrar num exército suficientemente poderoso para enfrentar os rebeldes. A situação parecia sombria, na verdade.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo som de uma corneta a anunciar a mudança de turno de vigia ao pôr do sol. A última barça tinha atracado na praia e os auxiliares estavam a descarregar as suas montadas e equipamento e a levar os cavalos para o acampamento. Cato remexeu-se e ergueu-se rigidamente antes de descer o declive a passo largo até ao portão mais próximo. Trocou uma saudação com a sentinela antes de atravessar o

passadiço de madeira estendido sobre a vala defensiva. O acampamento fortificado tinha sido construído para acomodar duas legiões, por isso havia muito espaço para a coluna montada e respectivos cavalos, e o ar estava saturado com o odor acre a suor e esterco de cavalo.

Dirigiu-se à sua tenda e tirou o elmo, a capa e o colete de escamas. Estivera um dia quente e ainda demoraria algumas horas até que a temperatura se tornasse mais agradável. Os seus caracóis negros estavam colados ao couro cabeludo, e ele mergulhou as mãos em concha na bacia de água que o seu ordenança lhe preparara e encharcou a cara, o couro cabeludo e o pescoço, desfrutando das gotas frias que lhe escorriam sob a túnica. Limpando a frente com o pedaço de pano que o ordenança lhe estendera, instruiu o homem para preparar uma refeição para quando ele regressasse da sessão de planeamento.

— Porco ou borrego assado — decidiu ele. — Tira as moedas que forem necessárias da minha bolsa. Mas obtém um bom preço.

A parcimónia dos longos anos anteriores a ter adquirido riqueza tinha permanecido nele, para grande divertimento inicial do ordenança. Este estava acostumado ao rol de oficiais aristocratas que servira antes de ser colocado na coorte de Cato como substituto, depois da custosa luta para garantir uma posição segura na ilha.

— Sim, senhor. Verei o que se pode fazer. Mas ouse dizer que os outros criados de oficiais levarão avanço na compra da carne que houver disponível.

— Nunca me falhaste, Trebonius — respondeu Cato, entre o louvor e o aviso. Devolveu o pedaço de pano e dirigiu-se através do acampamento ao aglomerado de grandes tendas onde o governador Suetónio e o seu estado-maior estavam instalados.

Ao passar pelas fileiras de tendas, onde os homens da coluna estavam a atear fogueiras para cozinhar, notou que havia uma tensão palpável no ar, diferente da usual boa disposição de homens a relaxar após um dia de marcha. Não havia quaisquer cânticos e poucos dos costumesiros gracejos. O desastre em Camulodunum e o perigo colocado ao território fracamente defendido do Sul e do Leste da província atormentavam o espírito de todos os homens. Muitos possuíam família nos povoados que tinham crescido em redor dos fortes com guarnição salpicados ao longo do território, agora sob a ameaça dos rebeldes. Alguns, como Cato, tinham amigos que haviam vivido na colónia dos veteranos. Ele compartilhava o desamparo que sentiam, estando tão longe de onde eram necessários para proteger aqueles que conheciam e amavam. As mesmas preocupações se manifestavam no acampamento do

exército principal que seguia no encalço da coluna montada, só que elas seriam mais fortemente sentidas pela infantaria, que marcharia a passo mais lento e demoraria mais tempo a atravessar o estreito, depois seguiria pelas montanhas e através da província até Londinium, no caso improvável de a cidade não ter sido saqueada pelo inimigo quando eles chegassem.

As abas da tenda do governador tinham sido subidas para tirar partido da leve brisa que soprava no acampamento, trazendo com ela o doce perfume da urze que crescia nas colinas vizinhas. A maioria dos oficiais convocados estava presente, e Cato sentou-se na extremidade de um dos bancos enquanto esperava que a sessão se iniciasse. Podia ver Suetónio a falar com ar sério com dois tribunos lá fora, apertando o antebraço de cada um antes de eles subirem para as montadas e partirem na direção do portão que dava para o caminho costeiro que se estendia ao longo do mar para norte das montanhas.

Quando o governador entrou na tenda, os oficiais que estavam no seu interior puseram-se em sentido. Haveria luz ainda por umas horas, e não havia necessidade de lucernas quando Suetónio passou o olhar pelos seus oficiais.

— Sentem-se. — Fez uma pausa enquanto Cato e os outros voltavam a instalar-se nos bancos. — Os últimos elementos da coluna chegarão em breve ao território continental. A coluna montada deixará o acampamento ao primeiro alvor e cavalgará sem descanso. Enviei homens à frente para garantir que haverá mudas preparadas para nós em Deva e nos fortes maiores ao longo do caminho. Com sorte deveremos estar em Londinium em seis dias. O resto do exército sob o comando do legado Calpurnius alcançará o estreito amanhã à noite e seguirá a nossa rota o mais rapidamente que conseguir. Sublinhei que quero as unidades intactas quando nos apanharem — isto não é uma corrida. Não nos podemos dar ao luxo de ter retardatários. Todos os homens serão necessários quando enfrentarmos o inimigo. Partindo do princípio de que eles conseguem manter um ritmo de trinta e cinco ou quarenta quilómetros por dia, a infantaria chegará a Londinium em doze ou catorze dias. Isto é, se não houver quaisquer confrontos com os rebeldes ou as tribos da montanha que ainda têm disposição para lutar.

Esfregou o olho esquerdo e pestanejou com fadiga.

— É possível, até mesmo provável, que Boudica alcance Londinium antes de nós. Acabei de enviar um tribuno com ordens para o procurador, Decianus Catus, a fim de evacuar a cidade assim que forem avistados batedores do inimigo. Enviei um segundo tribuno à Segunda Legião, em Isca Dumnoniorum, a ordenar-lhe que marchem sobre Londinium. Espero que o comandante de lá tenha agido por iniciativa própria e tenha já partido. Se a

cidade tiver sido tomada, deverão virar para norte e encontrar-se com a coluna principal em marcha desde Mona. Foi já enviada uma mensagem para Lindum a ordenar a Cerialis que leve a Nona Legião para Londinium e que recue até nós, se encontrar lá os rebeldes. Com boa parte das três legiões e as coortes auxiliares, terei homens suficientes para arriscar uma batalha.

— Seguramente isso é suficiente para lidar com um levantamento tribal, governador — comentou um dos prefeitos da cavalaria. — Afinal, estamos a lidar apenas com os Icenos e alguns dos Trinovantes. O que podem eles reunir, uns quantos milhares de homens armados com utensílios agrícolas e armas de caça?

— Se fosse esse o caso, ousa dizer que os veteranos teriam sido capazes de os manter à distância durante muito mais tempo. A verdade é que nós... eu subestimei os Icenos. Tanto em termos de número como na quantidade de armas que eles esconderam de nós. Recebi uma mensagem de Decianus esta tarde. Um mercador viu o acampamento inimigo na vizinhança das ruínas de Camulodunum. Trata-se de um antigo oficial de reconhecimento, pelo que sabe do seu ofício, e estimou o seu número em não menos de oitenta mil.

A audiência remexeu-se ansiosamente antes de o governador prosseguir.

— Quantos deles são lutadores de primeira classe, não sei. Mas, com a derrota dos veteranos na colónia, é provável que muitos mais se congreguem sob o estandarte de Boudica. Há muitos guerreiros nas outras tribos que estarão ansiosos por se juntarem à sua causa. Ouso dizer que esses também terão escondido as armas na esperança de que chegaria o dia em que as pudessem usar contra nós.

Cato viu que a escala do perigo patenteado pelos rebeldes chocara alguns dos outros oficiais. Roma não enfrentara um exército tribal daquela dimensão desde o tempo de Caratacus. O destino da província equilibrava-se sobre o gume de uma faca e todos os homens ali o sabiam. Por um momento sentiu uma certa simpatia por Suetónio, que deveria estar a desfrutar os louros da vitória que tinha escapado aos seus antecessores. Ao invés, seria visto como o homem que não conseguira detetar o perigo e cuja campanha para tomar Mona pareceria agora como um aventureirismo imprudente. Se derrotasse Boudica, continuaria a ser responsável pela destruição e perda de vidas que tinha causado. Se fosse derrotado, o seu nome entraria nos anais da infâmia. Não que ficasse vivo para lamentar o facto. Nem ficaria Cato e todos os outros oficiais que contemplavam a situação desesperada que tinham pela frente. Nem os milhares de legionários e auxiliares que serviam sob as ordens de Suetónio e as dezenas de milhares de cidadãos romanos que se

tinham instalado na Britânia. Para não mencionar as gentes das tribos que se tinham aliado a Roma, e que em consequência seriam certamente tratadas com maior crueldade do que os rebeldes lançados contra os romanos. Todos estavam em risco, e a matança apenas começara.

Suetónio continuou.

— O perigo é que quanto mais tempo a rebelião durar, mais aquelas tribos, cuja lealdade a Roma é incerta, serão tentadas a juntar-se a Boudica. Será como uma avalanche, ganhando velocidade e crescendo enquanto varre tudo à sua frente. Por isso, a melhor hipótese que temos para parar os rebeldes é pormo-nos em movimento para os enfrentar o mais depressa possível, antes que consigam virar a quase totalidade das tribos contra nós. Para esse fim, a minha intenção é ver se conseguimos enfrentá-los em Londinium e repeli-los lá. Um forte revés afetar-lhes-á o moral e desencorajará outros de aderirem à sua causa.

Cato levantou uma mão. O governador voltou-se para ele.

— Sim, prefeito Cato?

— Senhor, as defesas em Londinium estão uma desgraça. Todos os que lá tenham estado sabem disso. Praticamente não resta nada da muralha e do fosso que protegiam o povoado original. Apenas o complexo do palácio do governador tem algumas muralhas que poderiam ser defendidas. Mesmo assim, um ataque resolutivo feito pelo inimigo irá destruí-las. Além disso, não haveria espaço suficiente para abrigar os residentes da cidade.

— Obrigado pelo teu contributo — replicou Suetónio, categoricamente. — Existe verdade no que dizes acerca das defesas. Assim que chegarmos a Londinium, avaliarei o que se pode fazer para melhorar. Se houver tempo, podemos fazer reparações suficientes para manter os rebeldes do lado de fora. Além disso, a Segunda Legião estará disponível numa questão de dias após a nossa chegada. Uns quantos milhares de legionários para guarnecer a muralha contra os rebeldes poderia ser o suficiente para conter a maré até que o resto do exército nos alcance. Depois estaremos na ofensiva e esmagaremos aqueles filhos da mãe traiçoeiros que nos apunhalaram pelas costas.

— E se o senhor ajuizar que as defesas não podem ser reparadas, o que acontece nesse caso?

— Ordenarei que os civis sejam evacuados, abandonem Londinium e recuem para o corpo principal do exército.

— Para onde irão os civis? Onde ficarão eles a salvo?

— Verulamium... Calleva. Em qualquer lugar onde possa permanecer à frente de Boudica e da sua horda. Terão de se mexer por si próprios, prefeito.

A minha preocupação é salvar as minhas forças até poder concentrá-las sobre o inimigo. Não posso e não vou perder homens em tentativas vãs de atrasar os rebeldes. Se Londinium não puder ser mantida, tem de ser sacrificada. Todos vocês sabem como é — temos de trocar espaço por tempo, se houver alguma esperança de vencermos no final. Se isso significa perdermos Londinium, Verulamium ou qualquer outra cidade ou povoado no caminho de Boudica e do seu exército, é esse o preço que teremos de pagar. Haverá alguns em Roma que questionarão a minha decisão, mas eles não estão aqui e, maldito seja eu se vou deixar que a perspectiva da rezinguice de alguns generais de trazer por casa decida a minha estratégia. Vão rezingar ainda mais se formos derrotados e perdermos a província inteira.

— Sim, senhor — disse Cato com ardor. Estava aliviado por o entendimento da situação geral do governador ser sólido e por ele não estar preparado para correr riscos desnecessários devido à preocupação pela forma como as suas ações poderiam parecer em Roma. Por um instante sentiu uma chispa de raiva acerca da recusa de Macro em renunciar a Camulodunum e evacuar a colónia. Os veteranos poderiam ainda estar vivos se ele o tivesse feito. Depois sentiu-se envergonhado por duvidar do seu amigo. Talvez Macro tivesse conseguido reparar as defesas da colónia ao ponto de, na sua avaliação profissional, elas lhe terem parecido suficientemente sólidas. Ele é que estivera lá e Cato não, e na ausência de um conhecimento preciso era injusto questionar o seu julgamento. Ao mesmo tempo, conhecia Macro suficientemente bem para saber que ele acharia difícil renunciar a uma posição. Era uma das qualidades compartilhadas por todos os homens promovidos ao centuriato. Ser o primeiro a entrar na luta e o último a abandoná-la. Por isso eram a espinha dorsal do exército romano. Era provável que Macro soubesse que era um homem morto quando tomou a decisão de ficar e defender a colónia, e, fosse o que fosse que Cato pudesse pensar, essa decisão era a consequência inevitável do seu carácter e de todos os valores que ele estimava.

— Muito bem — concluiu Suetónio. — Certifiquem-se de que os vossos homens estão prontos para viajar aos primeiros alvares. Devem deixar todo o equipamento não essencial aqui. Bastam rações para dois dias, armas, armadura e capas. Nada mais. Qualquer cavalo que ficar coxo será deixado para trás juntamente com o seu cavaleiro. Podem dirigir-se ao posto avançado mais próximo e esperar que o corpo principal os alcance. O melhor é avisá-los assim que forem dispensados. Não quero que tenham uma surpresa desagradável ao amanhecer. Muito bem, não há mais nada a dizer. Boa-noite, meus senhores.

Os oficiais puseram-se em sentido para fazerem a saudação e saíram. O horizonte para ocidente apresentava uma tonalidade rósea, e o ar noturno era ainda parado e húmido. Para norte, o céu estava sombrio e não havia estrelas. Quando Cato se virou para se dirigir de volta para junto dos seus homens, ouviu-se um ténue ribombar de trovão, culminando num ruído de rufar de tambor, discordante e irregular, que terminava com um estrondo retumbante. Ele olhou para a tempestade em formação, perguntando-se se aquilo era um augúrio, e depois varreu esse pensamento do espírito. Havia preparativos a fazer para a árdua marcha em perspectiva. As exigências dos dias que se avizinhavam iriam testar todos os homens e os cavalos até ao limite da sua resistência e para lá dela. Mas tinham de chegar a Londinium antes de Boudica e dos seus rebeldes se queriam poupar a cidade e os seus habitantes ao destino que se abateria sobre Camulodunum.